



Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR

Especialização em Política e Planejamento Urbano

O LUGAR DE MÃES

Um caso na Grande Tijuca

Aluna: Teresa Hersen

Orientador: Prof. Dr. Julieta Nunes

Rio de Janeiro, 2018

TERESA HERSEN

**O LUGAR DE MÃES:
Um Caso na Grande Tijuca.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Julieta Nunes
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR

PROFESSOR(A) EXAMINADOR(A):

Prof.
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR

Resumo: A discussão do Direito à Cidade não é recente, mas parece ter se limitado à ótica genérica da segregação de usos dos espaços da cidade entre ricos e pobres, sem atentar para o uso e aproveitamento dos espaços públicos de maneira diferenciada pela diversidade de grupos sociais que encontramos nas grandes cidades. No texto abaixo, buscou-se analisar o (des)uso dos espaços coletivos por um grupo formado por pais e mães do bairro da Tijuca, e como o fato de ser homem ou mulher influenciava em estar mais em casa ou mais na rua, isto é manter-se em espaço privado ou público. Como conclusão, a pesquisa percebeu que os homens, ao estarem mais presente no espaço urbano, alcançam maior consciência do enclausuramento vivido pelas classes que podem pagar por isto, assim como entendem esse fato como um complicador na formação dos cidadãos. Às mulheres cabe o medo e a resignação, sem demonstrar revolta ou mesmo um questionamento maior de onde se origina este mal estar. Associam o medo a problemas de violência e segurança pública e não chegam a identificar o constrangimento feminino ao estar na rua.

Palavras-chave: cidade, mães, gênero, planejamento urbano

Abstract: the discussion of the Right to the City is not recente, however it seems to be limited to the general perspective of the segregation in the use of the spaces of the city by the rich and the poor, without considering the diferente uses and utilization of the public spaces by various social groups found in the big cities. The text below ains at analysing the (un)used collective spaces by a group of fathers and mothers in the neighbourhood of Tijuca, and also how gender influences the amount of time spent at home or in the streets. In other words, being in porivate or public spaces. As a conclusion, the research points that because men are more frequente in the urban spaces they reach a higher level of conscience about the enclaves experienced by the classes that can afford them, as well as they understand this fact as a barrier to the formation of citizens. The women are left with fear and resignation, without demonstrating revolt or even a greater question of where this malaise originates. They associate fear with problems of violence and public safety and fail to identify the female embarrassment of being on the street.

Keywords: city, mothers, gender, urban planning.

[...] Rua
Te quero das mulheres ensinadas desde cedo
que só podem brincar dentro de casa
porque a rua é perigosa, porque a rua é violenta
porque a rua é dos meninos que não sabem respeitar

Rua eu te conheço,
quem te faz uma ameaça às meninas e mulheres
É a mesma opressão que torna as casas inseguras
Mais que as ruas [...]¹

Baderna Midiática, Hino à Rua, 2013

Introdução

Os dados estatísticos sobre a violência física e psíquica contra mulheres continuam assustadores, como exposto em reportagem:

Os dados, divulgados no Dia Internacional da Mulher, mostram que 22% das brasileiras sofreram ofensa verbal no ano passado, um total de 12 milhões de mulheres. Além disso, 10% das mulheres sofreram ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo. E ainda: 3% ou 1,4 milhões de mulheres sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1% levou pelo menos um tiro. OS NÚMEROS ... (2017)

Mesmo assim, grande parte da população defende que tivemos grandes conquistas em prol das mulheres, *afinal de contas* hoje as mulheres votam, podem trabalhar, estudar, se divorciar, vestir-se como desejarem, ocupar cargos importantes. Lembram também que os homens passaram a ser passíveis de punições em casos de estupro e violência, entre outras conquistas. Deseja-se, aqui, desvelar facetas da subjetividade que a dominação masculina exerce na vida urbana de homens e mulheres, o que faz com que diversas atitudes pareçam naturais, isto é, biologicamente determinadas, e por vezes, imperceptíveis aos olhos da sociedade.

Vale lembrar que a formação social do que se entende por família passou por diversas transformações antes de assumir a forma como a entendemos atualmente, da mesma maneira que as redes de apoio e criação dos filhos não aconteciam de maneira individualizada em pequenos espaços, como os que criamos nossos filhos nas grandes cidades. Engels, (1884), nos mostra que nos primórdios, as famílias não tinham, necessariamente, um formato monogâmico, e configurações que fugiam ao padrão eram aceitas, sendo que a relação entre pais e filhos por vezes não se vinculava à paternidade biológica. Houve mesmo grupos sociais onde prevaleceu o matriarcado, em que as mães assumiam um grande valor pelo poder de reprodução pertencer apenas a elas e não estabeleciam relação com um só homem.

A dominação masculina, termo usado por Bourdieu (1998) está presente em toda nossa percepção de mundo, parecendo neutra, e sendo constantemente ratificada. Como exemplos, podemos citar a divisão do trabalho, a maneira que cada um dos sexos deve se comportar, como também espaços urbanos que são mais adequados para homens ou mais para as mulheres,

1 Trecho do Hino à Rua, hino produzido na ocasião dos protestos de 2013, elucidando a ocupação das ruas em 13 de junho de 2013.

respectivamente. As praças públicas, locais de discussão política, são voltadas para a conversa entre homens, um espaço edificado para uso masculino, enquanto às mulheres cabe a invisibilidade e solidão da casa, ao cuidar dos filhos.

A vida social do homem se fez importante para a reprodução das relações sociais, que dão frutos para a produção do capital, enquanto a participação das mulheres é resumida aos cuidados com a formação da futura força de trabalho, não obstante seu emprego como força de trabalho desde o início da industrialização.. Assim, foi-se conformando uma percepção social do que era papel dos homens e o que era função das mulheres, que embora sendo da formação histórica, passou a ser interpretada como inerente a cada um dos sexos, e naturalizada de modo a gerar uma subjetividade, que atravessa toda a relação entre dominante (masculino, forte, viril) e dominados (feminino, frágil e sutil).

Com a Revolução Industrial, nos primórdios do capitalismo, as mulheres (como também as crianças) entravam para o mercado de trabalho e trabalhavam a mesma quantidade de horas ou por vezes até mais que homens, mas ganhavam infinitamente menos. Os salários exorbitantemente mais baixos eram garantidos pelo preconceito contra as mulheres. Muitos ainda justificavam que esta entrada no mercado instalaria uma concorrência desleal com os homens pelos salários mais reduzidos, tirando um espaço que era só deles.

Neste texto tentou-se compreender o uso e percepção da cidade por cada um dos sexos, ou seja, como o espaço urbano é diferentemente vivido por homens e mulheres. Visa-se, ainda, identificar as alterações de uso da cidade após homens e mulheres tornarem-se pais e mães, e algumas subjetividades que estão entrelaçadas com a condição urbana (a exemplo da constituição da cidadania, da violência urbana, do medo, e a diferenciação entre o público e o privado).

As análises abaixo resultaram de coleta de dados por meio da aplicação de questionários, junto ao universo de famílias moradoras da Grande Tijuca, território que abrange diversos bairros, e para esta pesquisa, trabalharemos essencialmente com Tijuca, Vila Isabel, Maracanã e Usina². O grupo ao qual me refiro compõe-se por mães e pais com filhos em uma mesma escola particular, a escola Ogamitá, grupo educacional que defende proposta pedagógica diferencial em relação às escolas conhecidas como tradicionais, fundando sua pedagogia e diretrizes, que vão desde Paulo Freire até aprendizados indígenas. Dentre as inovações propostas está que, as crianças de uma mesma turma possuem idades variadas, e a cada ano os agrupamentos de crianças variam seguindo a proposta pedagógica da escola.

A filosofia da escola levanta um lema: *Ubuntu*, que é uma noção existente em línguas de um grupo indígena. E o *slogan* que segue este lema é: *Eu sou por que nós somos*. Continuando nesta proposta indígena de formação de tribos, as turmas são nomeadas se referenciando a alguma tribo brasileira, as crianças de educação infantil costumam trocar de *tribos* (turmas), mas depois da alfabetização a turma segue com o mesmo nome durante toda vida escolar. A turma

² Estes são os bairros onde majoritariamente as mães pesquisadas se encontram. Outros bairros da Grande Tijuca estarão no deslocamento de parte das pessoas do grupo.

mais velha da escola, ao se formar, escolhe o nome para a primeira turma que chegará, batizando-a com o nome que levará por diversos anos.

Atualmente, essas crianças, filhos das mães pesquisadas, não se encontram mais todas em uma mesma turma, e nem na mesma unidade da escola. Desta maneira, a diversidade de idades das crianças que pertencem a este grupo estudado é ampla, em sua maioria, variando entre 1 e 8 anos.

A escola se situa na Av. Maxwell, em Vila Isabel, próximo às antigas fábricas têxteis, em um quarteirão onde existem muitas casas das antigas Vilas Operárias. O edifício da escola é uma casa antiga que foi adaptada para se transformar em escola, percebe-se que algumas partes desta construção são mais recentes, e lá se encontravam as crianças de turmas até o sétimo ano. No início de 2016, a escola passou a ter duas unidades, sendo a mais recente localizada na Rua Conde de Bonfim, bem próximo ao Alto da Boa Vista, ainda no bairro da Usina. Isso fez com que alguns pais que possuem mais de um filho, com idades variadas, passassem a ter que se deslocar entre as duas unidades da escola.

Este círculo de amizade se utiliza de diversos meios para se relacionar e mesmo propor seus encontros, os quais podemos destacar dois: os encontros nos horários de entrada e saída da escola; e por redes sociais, principalmente pelo Whatsapp. As duas unidades têm o mesmo horário de entrada e de saída, talvez este também tenha sido um outro motivo de aproximação dos pais, pois passaram a se revezar no deixar os filhos, por vezes alguns oferecem carona, e assim o contato com as outras crianças, fora do espaço escolar, passa a ser constante. Supõe-se que o método diferenciado da escola não só aproxima os pais, como possibilita a abertura ao grupo de questões mais íntimas vinculadas à família e à educação dos filhos, sendo parte da proposta a interação constante entre pais, e pais e escola. Estas famílias se auto intitulam de classe média, a maioria desempenha algum trabalho remunerado, e todas possuem algum tipo de inquietação relacionada ao papel da mulher dentro das famílias, e até mesmo à reprodução do machismo, que se mantém e se reafirma em diversos relacionamentos, inclusive na própria escola.

O conhecimento das dificuldades por que passam as mulheres, despertou interesse em aprofundar as relações que estabelecem com a cidade e sua diferenciação com a dos pais. Este desejo - entender como as mulheres estão usando os espaços da cidade e o que isso vem acarretando na vida delas, dos filhos e da sociedade - surge da minha própria vivência enquanto mãe, que ao tentar conciliar os desejos pessoais e maternos com o crescimento profissional e lazer, me deparo diariamente com uma cidade hostil, que não é acolhedora e nem foi pensada para o uso de mulheres em situações semelhantes.

A escolha das mães de pais da Escola OgaMitá como objeto de pesquisa resultou de dois aspectos principais: a facilidade de acesso aos mesmos, dado o contato diário com os mesmos pela proximidade entre nossos filhos e pelo universo atender aos objetivos situados na pesquisa.

O texto está dividido em três partes: O que pais e mães pensam (parte 1), Usos diferentes para sexos diferentes (parte 2) e Considerações Finais (parte 3). Na primeira parte expõem-se as respostas pelos grupos de mães, e posteriormente, pelos pais ao questionário veiculado, cujas perguntas encontram-se em anexo ao fim deste texto. Na sua formulação, buscava-se entender como esses dois grupos compreendiam o espaço da cidade, e como experimentam o espaço na sua vivência cotidiana.

Apesar de a pesquisa pretender a compreensão do uso do espaço urbano, no questionário apareciam muitas 'provocações' que se relacionam com a rotina, a casa e a espaços privados, buscando compreender a subjetividade que se esconde na diferenciação das prioridades entre pais e mães. Entendíamos que, a partir destas observações, poderíamos compreender o porquê do uso urbano segundo o gênero ser tão diferenciado, no caso do grupo estudado.

Na segunda parte é feita a análise da percepção que buscava-se entender com o questionário à luz de alguns autores, como também de maneira comparativa, possibilitando então a confrontação entre a vivência e percepção da cidade se comparado com os dois sexos.

1. O que pensam mães e pais:

Apesar de se tratar de um mesmo questionário, dividiu-se pais e mães em dois grupos separados para melhor análise das respostas. Mesmo em se tratando de pais e mães em mesma proporção, a adesão para responder ao questionário foi muito maior pelas mulheres, que responderam a 19 questionários, porém muitos continham respostas breves. Poucos homens se dispuseram a responder, totalizando apenas 7 questionários. Apesar desta pequena quantidade de respostas, estas pareciam ter sido fruto de um momento de reflexão sobre os temas ali expostos.

1.1 A Percepção das Mães

O questionário iniciou-se com o intuito de observar a principal alteração na vida após a maternidade, onde diversas questões pessoais foram levantadas. A grande maioria das respondentes se referiu à falta de tempo, às grandes preocupações e às novas responsabilidades. Todas consideraram que as rotinas diárias foram alteradas, e agora a vida passa a girar em torno do bem-estar e atividades das crianças, sem qualquer percepção de qual o lugar³ das mães na cidade

As mulheres reconheceram que a rotina, tanto dentro como fora de casa, foi alterada com a chegada dos filhos, sendo possível perceber que o tempo disponível para estar na rua passou a ser curto, e muitas vezes corrido. A necessidade de dar conta dos afazeres domésticos faz com que gastem maior parte do seu tempo dentro de seus lares, sobrando menos tempo para as atividades pessoais. Aqui foram citadas questões diretamente relacionadas com o funcionamento

³ “[...] o conceito de lugar pressupõe reconhecer as preexistências, sejam elas históricas ou ambientais; deve-se trabalhar com a preservação destas marcas como parte, e não como obstáculos ao projeto.” (BENETTI, 2012)

da casa, mas muitas outras com os cuidados das crianças, que vão desde o brincar, até as refeições.

As idas e vindas do trabalho passaram a ser mais corridas, com a preocupação de chegar logo em casa, o que antes não existia. Afora isso, a insegurança apareceu no discurso de muitas, como também a falta de qualidade do espaço urbano, o que tornaria penoso o percurso quando se tem uma (ou mais) criança para “transportar”. Como problemas foram citadas as calçadas esburacadas, a falta de sombra, as calçadas estreitas, a falta de rampas, entre outros. A qualidade do espaço público é de suma importância, mas são questões que afligem tanto os homens, quanto as mulheres. Talvez essa decadência urbana tenha sido mais eloquente no discurso feminino por caber a elas, em sua maioria, a função do ir e vir com crianças e compras, e outros pesos que se relacionam ao lar e à família.

Nesse grupo social, em que grande parte dispõe de automóvel, é notória a busca por esse meio de locomoção, seja particular ou não, o que algumas citam que era diferente antes da chegada dos filhos. Os percursos são feitos com pouco prazer e marcados pela insegurança de diversos tipos: a violência que se vive hoje e o medo da mulher andar sozinha com as crianças, mas também o risco de acidentes. Desta maneira, o espaço urbano é reconhecido apenas como local (desagradável) de passagem, aquele lugar que faz conexão entre pontos de parada (farmácias, padarias, escola, etc), e que possivelmente une espaços privados onde há sensação de segurança.

Analisando o mesmo grupo ao combinar encontros fora do espaço da escola, foi possível perceber claramente que a busca por espaços privados e ‘protegidos’ é uma grande demanda, que umas justificam pelo banheiro, e pela facilidade de *vigiar* as crianças, outras pela praticidade. Nesses momentos, os encontros em playgrounds se destacam, enquanto o uso de parquinhos de praças ou mesmo de parques da cidade passam a ser deixados em segundo plano.

Quando questionadas se, na sua opinião, essas mesmas alterações ocorreram nos percursos dos pais, as respostas ficaram divididas, parte disse que a vida dos pais se alterou tanto quanto suas próprias vidas, outras deixaram claro que moram em casas separadas, e que talvez a vida do pai tenha se alterado depois que passaram a morar separados, mas que antes pouca coisa havia mudado. Algumas ainda citam que os pais apenas passaram a acordar mais cedo e que seus gastos passaram a ser maiores.

A ideia de redes de apoio materna, sugerida no questionário, com espaços de qualidade pareceu atrativa a estas mães, mas ao dissertarem sobre essa questão muitas não sabiam espacializar a ideia, pensando basicamente na segurança das crianças, o que possibilitaria que não necessitassem estar o tempo todo vigiando filhos, podendo assim se concentrar no próprio lazer. Isso ratifica a ideia de autores que trabalham com análise de espaço urbano (LYNCH, 1960; CULEN, 1971; BENTLEY, 1985), de que o espaço construído nos remete a sensações agradáveis ou desagradáveis, mas que as pessoas, no geral, tem pouco ou nenhum domínio de como o planejamento dos espaços poderia resultar em melhoria de qualidade.

Quanto à diferenciação de espaços da cidade em lugares que sobressaem por serem tipicamente masculinos ou tipicamente femininos, observamos que a percepção do ambiente urbano se faz pelos usos: em sua maioria, as respostas foram as novas barbearias, como lugar de homens, e os espaços destinados aos cuidados de estética para as mulheres, como salão de beleza e academias exclusivamente femininas. Algumas poucas citaram as praças como equipamentos majoritariamente masculinos, sugerindo que a grande questão estava no medo e nos olhares repressivos que as mulheres recebem ao usarem alguns pontos da cidade, como em outros momentos elas respondem ser perigoso andar sozinhas com as crianças pelas ruas do bairro.

Contradizendo uma percepção da cidade tipicamente modernista, a maioria das respostas destas mães revelaram que morar, recrear e trabalhar se entrelaçam nos espaços, e apontam como espaços de lazer ideal para ir com as crianças, a praia e os parquinhos de praças. Shoppings e playgrounds apareceram frequentemente nas respostas, como também a casa de amigos com filhos. Já na pergunta seguinte, ao idealizarem um espaço ideal para pais e filhos irem juntos, pareceu haver uma mistura de espaços abertos com espaços privados e seguros, sendo que algumas mulheres deixaram claro a grande necessidade de cercas.

A segurança parece ser a justificativa para buscar espaços abertos ao público em geral, porém privados, aparecendo o shopping como bom exemplo, como na palavra de uma respondente:

Um lugar onde tivessem brinquedos pra crianças e que adultos também pudessem usar e brincar junto ou que exista um espaço para os pais, como barzinho, p.ex. (sic), com espaço seguro para crianças. No shopping já temos, mais ou menos, isso. Só que é lugar grande então, muitas, nós ficamos distantes demais de onde a criança está. Poderia ser algo em q os pais e as crianças pudessem se ver enquanto se divertem.

Em um último questionamento, desejou-se entender se o uso dos espaços da cidade contribuía para a formação da cidadania das crianças, e muitas das respostas foram positivas, ainda citando o próprio espaço da escola, ou colônia de férias como lugar de construção de cidadania. Algumas poucas responderam que não, por se tratar do uso majoritário de espaços privados, onde a convivência é bastante restrita.

1.2 Percepção dos pais

Como dito anteriormente, o questionário destinado aos pais foi o mesmo daquele enviado às mães. A principal mudança percebida em relação aos pais foi que, diferentemente das mães, não mencionaram a preocupação e o peso extremo para carregar (literalmente) as crianças e a mudança alegada teria recaído na dose de responsabilidades, como também dito pelas mães. Os pais também destacaram a mudança das prioridades e, além disso, muitos admitiram se perceber como uma referência para as crianças, sendo eles o adulto que aquela criança terá como espelho a ser refletido, sentindo assim a necessidade de alterar algumas posturas diante das mesmas.

A mudança na rotina foi comum a todos. Chama a atenção um pai que deixou claro que a alteração foi basicamente na vida dentro de casa: *“Dentro mudou completamente, principalmente as noites sem dormir. Fora de casa mudou menos, no trabalho a rotina é praticamente a mesma”*. O comportamento diferenciado entre casa e rua pôde ser identificado, como observou da Matta (1985, p.68), sendo que o espaço da rua, para os homens, diferencia-se do “tradicional”, no sentido que as leis da rua não se aplicam ao espaço da família, e este é reservado majoritariamente às mães e cheio de conotações morais. O autor exemplifica o comportamento dos pais dentro de casa, e seus desejos para os filhos, principalmente filhas, é completamente diferente de suas próprias atitudes fora do ambiente familiar. Bourdieu (1986, p. 103) entende as atitudes paternas como consideradas inquestionáveis, onde não há espaços para contestação, sendo a posição paterna vista e absorvida pelos filhos como um ato de fé, sem nenhuma justificativa aparente. Em relação aos percursos diários, todos concordaram que houve alteração tanto para eles quanto para as mães. Enquanto mães falam sobre a falta de tempo para si, sobre a enorme dedicação com as tarefas de casa, os pais resumem a alteração nos trajetos cotidianos como mais uma parada na rotina diária, eles passam a deixar os filhos na escola, o que por vezes é revezado com as mães. Os espaços coletivos de qualidade são vistos como uma boa opção, mas para alguns pais o seu uso seria dificultado pela violência na atual conjuntura da cidade do Rio de Janeiro.

Ao serem questionados sobre espaços destinados exclusivamente aos homens a resposta foi condizente com a percepção das mulheres: muitos citam as barbearias, mas alguns já observam as quadras de futebol em praças e parques. E apesar de concordarem com a existência de espaços tipicamente femininos, nenhum deles conseguiu exemplificar algum. Ao descreverem um espaço ideal, estes pais citaram parques, praças ou espaços abertos, mas com uma boa estrutura de apoio e apesar de se remeterem aos espaços públicos, eles também desejam conforto e segurança dos espaços, assim como as mulheres.

Para a importância do uso dos espaços da cidade para a constituição da cidadania, os pais pareceram mais cientes do próprio conceito de cidadania do que a maioria das mães, entendendo que suas crianças permanecem em espaços privados e segregados por grupos sociais. Certo pai descreveu como espaço ideal: *“Um espaço integrado com atividades para pais, mães e filhos, com áreas interligadas. Seria um espaço parecido com os clubes sociais, mas sem a caracterização quase homogeneizada dos perfis de sócios.”*

Uma última questão foi acrescentada somente ao questionário dos pais: “Como a luta de mulheres por direitos iguais em questão de gênero, alterou os lugares que frequenta na cidade?” Na resposta a grande maioria comentou que as alterações foram poucas, e que se trata de uma questão de comportamento e uso do espaço, e não do espaço em si. Porém, alguns exemplificaram com o vagão rosa do metrô⁴ como um exemplo que limitaria o uso de espaços por homens em prol da segurança das mulheres.

4 Um vagão do MetrôRio que só pode ser utilizado por mulheres, nos horários de pico.

2. Usos diferentes para sexos diferentes

Depois de colher as respostas dos pais e das mães, buscou-se interpretá-las à luz de pensamentos de alguns autores, que desenvolvem temas relacionados ao uso da cidade, ou o próprio cidadão, como também tratam da opressão (ou dominação) masculina em nossa sociedade.

2.1 Machista da cidade modernista

A dominação masculina se encontra na base da formulação de programas e atividades oferecidas em espaços públicos, reproduzindo cotidianamente uma realidade opressora na produção das nossas cidades, mas também funde-se com a dificuldade diária que mulheres encontram ao lutar por seu lugar na sociedade. Culturalmente, o *lugar da mãe* é dentro de seu lar, cuidando da casa e da família, um espaço privado e fechado, estando elas tão mais confortáveis quanto se mantenham em espaços privados, além da própria casa.

Isto pôde ser observado nas falas das mulheres sobre as alterações na rotina após a maternidade, as mães justificam que o tempo gasto com afazeres domésticos aumentaram consideravelmente. Enquanto os homens, pais das mesmas famílias, conseguiam perceber alterações na rotina, mas só foram capazes de exemplificar a obrigação de deixar as crianças na escola, aumentando seu percurso em mais uma parada.

Estas mulheres, já confinadas dentro dos seus lares, ao buscarem os espaços públicos, seja por necessitar dele para seus deslocamentos, seja para lazer ou mesmo como espaço para as suas próprias lutas, se deparam com um espaço que não é pensado para atender suas necessidades e expectativas. Constata-se que os espaços são majoritariamente produzidos por homens e para os homens. Para além da construção dos espaços, percebemos que a subjetividade da opressão masculina esteve presente no discurso; 86% dos homens que responderam ao questionário entendem que o machismo ainda está presente, enquanto as mulheres oprimidas o percebem com menos lucidez. A subjetividade que justifica a opressão masculina sobre a mulher esteve presente nas respostas das próprias mães, que citaram olhares intimidadores e o medo no uso da cidade, que vai além da violência urbana, que todos (homens e mulheres) estão envolvidos.

Esteve presente tanto no questionário de mães, como no de pais, a fala do medo, seja pelas mulheres que se sentem inseguras em determinados lugares, seja pelos homens, que justificaram a dificuldade de pensar em espaços públicos de qualidade pela violência⁵ da cidade onde vivem. Essa seria a principal justificativa para que nas cidades venham sendo produzidos cada vez mais espaços enclausurados, onde aqueles que podem pagar por um espaço fechado e monitorado se sentem seguros e protegidos, esvaziando os espaços públicos de convivência, e

5 Vale salientar que o questionário foi respondido antes da proposta da Intervenção Militar no Rio de Janeiro

transferindo este uso, que antes pertencia às cidades, para o que Caldeira (2000) denomina enclaves fortificados: espaços fechados e privados⁶.

As respostas confirmam o que Caldeira (2000: p. 09) argumenta sobre o desejo que se tem pela busca de espaços privatizados contribuindo para o enclausuramento de mulheres:

[...] grupos que se sentem ameaçados com a ordem social que toma corpo nessas cidades constroem enclaves fortificados para a sua residência, trabalho, lazer e consumo. Os discursos sobre o medo que simultaneamente legitimam essa retirada e ajudam a reproduzir o medo encontram diferentes referências. [...] eles também incorporam preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classes e referências negativas aos pobres e marginalizados.

A proposta modernista de separar os usos da cidade, onde cada função passaria a acontecer em um espaço destinado exclusivamente à mesma, leva ao agravamento desta segregação. Talvez por este ser o modelo predominante, percebeu-se nas respostas, uma grande dificuldade de distinguir o que é público do que é privado, grande exemplo desta constatação é quando citam edificações onde se tem grande convívio como espaços públicos, a saber: a escola e os shoppings. Usos e funções enclausurados em espaços segregados acabam por criar um esvaziamento da cidade enquanto palco para diversas ocorrências e eventos ⁷, sendo o espaço público majoritariamente percebido como o lugar da passagem, do desagradável ou do medo.

Muitas ruas de nossas cidades são destinadas a apenas um uso, caracterizando áreas estritamente residenciais ou estritamente comerciais e de serviços. O monofuncionalismo apregoado pelo urbanismo modernista e expresso nas legislações atuais de zoneamento levou ao abandono da diversidade que acontecia no espaço público, fazendo com que setores (ou zonas inteiras) das cidades se tornem desertos em determinados horários do dia, pois abrigam edifícios determinados para usos específicos, acabando com o movimento de muitas áreas da cidade.

É uma coisa que todos já sabem: uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não.[...] deve ser nítida a separação entre o espaço público e o espaço privado. [...], devem existir olhos na rua, olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. [...] Eles (*os edifícios*) não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua deixá-la cega. [...] a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua ao observar as calçadas. (JACOBS, 2000: p. 35)

6 Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público. Na verdade, criam um espaço que contradiz diretamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade que ajudaram a organizar tanto o espaço público moderno quanto as modernas democracias. Privatização, cercamentos, policiamento de fronteiras e técnicas de distanciamento criam um outro tipo de espaço público: fragmentado, articulado em termos de separações rígidas e segurança sofisticada, e no qual a desigualdade é um valor estruturante. No novo tipo de espaço público as diferenças não devem ser postas de lado, tomadas como irrelevantes, negligenciadas. Nem devem também ser disfarçadas para sustentar ideologias de igualdade universal ou de pluralismo cultural. O novo meio urbano reforça e valoriza desigualdades e separações e é, portanto, um espaço público não-democrático e não-moderno. (CALDEIRA, 2000. P. 12)

7 E até mesmo as apropriações culturais da cidade passam a ter um caráter mercantil, onde tradicionais festas culturais são dominadas por grandes empresas, e se vinculam à suas marcas, como defendido por Levebfre.

O próprio traçado urbano, em sua formulação dentro dos preceitos modernistas, também nos mostra um planejamento voltado para a percepção unicista da cidade, sem considerar a diversidade de cidadãos, gerando a falta de uso dos espaços coletivos, como Jacobs (2000) já mostrava ao estudar seu bairro em Nova Iorque.

Em relação às políticas públicas, há ainda questões que interferem diretamente na rotina das mulheres, como a pouca oferta de vagas em creches públicas, a não alocação de crianças nas escolas próximas ao local de trabalho e a violência urbana, que faz com que mulheres e homens evitem o uso constante e irrestrito dos espaços públicos. Fatos que mesmo tratados pela legislação vigente, continuam negligenciados por parte do poder público, e outros, que são passíveis de punição, mas muitas vezes são banalizados por aqueles que julgam, seja profissionalmente ou socialmente.

De fato, nossas políticas públicas não conseguem atender às demandas do território de maneira igualitária, o que acarreta a segregação de diversos grupos sociais. Na perspectiva de gênero podemos citar alguns exemplos de formulação de projetos urbanístico e arquitetônico, que evidenciam o pensamento e a dominação de uma percepção masculina. Nos questionários isso pareceu pouco percebido, apesar de alguns terem citado os campos de futebol⁸.

Soma-se a isto o fato de que, culturalmente, a circulação da mulher no espaço público passa por constrangimentos, sendo seu corpo tratado como 'objeto', passível de olhares intimidadores e contatos indesejados, o que não raro se reverte em culpa para a própria vítima do assédio, que passa a ser acusada de se expor demasiadamente com roupas inadequadas ou por frequentar locais impróprios. O que nos demonstra, mais uma vez, que culturalmente existem espaços para mulheres, consolidando no imaginário da população que a presença ou a ausência desta em determinados espaços da *urbe* pode definir sua conduta ética.

Ao se tornarem mães, as mulheres passam a perceber – e sofrer – a cultura predominantemente machista ainda vigente, e ao procurarem espaços de convívio social junto com seus filhos, acabam por optar por lugares que não faziam parte de suas vidas antes da maternidade. O espaço público por não ser um local atrativo para mulheres, passa a ser evitado como local de encontros deste grupo específico. Espaços privados, fechados e *seguros* funcionam como alternativa para a convivência, passando a serem utilizados preferencialmente, como opção para o lazer de mulheres. E às mulheres continuam cabendo os espaços fechados e privados, pois além de serem as mais responsáveis pelas tarefas do lar e o cuidado dos filhos, também se sentem menos ameaçadas.

Entretanto, mães se fortalecem em pequenas redes de apoio e se associam com outras mulheres. Prova disto foi a mobilização para que o questionário desta pesquisa fosse alcançado

⁸ Nos espaços de lazer é comum – quiçá, obrigatório – encontrarmos quadras de esportes, majoritariamente usadas por homens e para a prática de futebol, um esporte culturalmente vinculado ao gênero masculino no Brasil. O próprio programa arquitetônico das praças, que também costuma ter, além das quadras esportivas citadas, os *parquinhos*, espaços voltados para o lazer infantil, onde mulheres permanecem no seu entorno, cumprindo a função principal de vigiar as crianças enquanto estas brincam.

por mais mães e respondido rapidamente, mesmo que estivessem sobrecarregadas pela pesada e solitária jornada que se evidencia com o início da vida materna.

2.2 Espaço ideal: conflitos e convergências

A produção da cidade com viés modernista em sua proposta de tirar de suas calçadas o pedestre, pela própria setorização, e por não considerar em seus planos a existência da diversidade de classes, busca a extinção dos conflitos que são inerentes ao convívio de diversas pessoas. Da mesma maneira, nossos planos municipais para políticas urbanas ainda adotam um zoneamento que reflete essa setorização de caráter modernista, assim, não se consegue que territórios excludentes deixem de ser reproduzidos, nas diversas escalas urbanas.

Entendeu-se, através da análise das respostas, que os espaços ideais seriam aqueles onde o tipo de sociabilidade pudesse ser escolhido, assim em plays, shoppings, ou grandes restaurantes, onde seria possível saber com qual grupo social as crianças, e até mesmo os pais destas crianças, estariam em convívio.

Sabe-se que a opressão masculina, com exploração feminina e abusos em espaços públicos e privados, acontece constantemente nos dias atuais, convertendo-se em assunto focalizado nas mídias mais recentemente. Sabe-se também que o espaço público não é pensado para receber todo e qualquer tipo de diversidade e as políticas que se relacionam com o tema de direito à cidade buscam a ordem pela tentativa de abolir o conflito.

Assim, o conflito aparece quando identidades sociais não aceitam, ou simplesmente não desejam conviver com o diferente sendo que o planejamento urbano atual busca a extinção dessas áreas conflituosas, e acaba por separar classes e grupos sociais. No nosso caso de estudo, estas mães buscam espaços – privados – onde o conflito não aconteça explicitamente, remetendo ao sentimento de paz e tranquilidade. Na visão de Simmel (1983), o conflito é *uma forma de socição*⁹ e por mais que ele se destaque por causas negativas, existem consequências positivas, como o poder de forçar mudanças de comportamento, que ao contrário seriam impossíveis.

Seria, então, a busca por espaços sem conflito a causa da não percepção, principalmente por parte das mães, da noção de cidadania? Milton Santos (2012,p.18), elucida que é necessária a recuperação do cidadão e para isso defende que este modelo cívico se forma a partir de dois componentes essenciais: a cultura e o território. Entende-se que enquanto as mulheres se sentirem privadas ou ameaçadas pelo território, pela cultura opressora existente, a formação de sua cidadania estará comprometida, esvaziada, deixando este legado para seus filhos. *“Mudanças no uso e na gestão do território se impõe, se queremos criar um novo tipo de*

9 Termo foi empregado pela 1ª vez em uma tradução feita em 1982, de uma versão em inglês do texto de Simmel, que era alemão. A palavra original em Alemão é *Vergesellschaftung*, que significa em português socialização e não 'socição', esta última não existe nos dicionários brasileiros. Hoje utiliza-se mais o termo 'sociabilidade'.

cidadania, uma cidadania que nos ofereça como respeito à cultura e como busca da liberdade.”
(SANTOS,2012, p.18)

A segurança esteve presente no discurso dos dois grupos que foram questionados. Pudemos perceber que as mulheres foram mais eloquentes nas respostas às questões que se vinculam fortemente com a insegurança, e mesmo sem perceber que estão esvaziando as cidades, buscam espaços que gerem conforto e proteção para seus filhos. Apenas os homens citaram que este isolamento de grupos sociais em espaços fechados, não contribuiriam para a formação cidadã de suas crianças, o que nos remete ao questionamento: a percepção das mulheres sobre a formação destes pequenos cidadãos está vinculada a ausência ou dificuldade da sua própria prática no uso do espaço público?

3. Considerações finais

A proposta modernista falha ao tentar implementar territórios sem conflitos em um país com tantas desigualdades, e soma-se a isto o esvaziamento de nossas ruas, nos recolhendo cada vez mais a espaços segregados e segregadores, impedindo que o convívio entre classes e culturas diferentes sejam parte integrante da vida em cidade.

Desta maneira, a produção dos espaços da cidade é pensada para atender demandas predominantemente masculinas e a permanência destes padrões faz com que se perpetue uma sociedade excludente, tornando o espaço urbano hostil para grupos minoritários. Estes ambientes não contribuem para um uso igualitário do território, sob a ótica das diferenças do direito à cidade na questão de gênero, perdendo seu papel pedagógico de contribuir para a liberdade das mulheres e, conseqüentemente, a liberdade de todos.

Essa problemática urbana desencadeia questões que vão além do uso do espaço construído, inibindo a construção do senso de coletivo da própria cidadania, conceito que se encontra enfraquecido em todos os grupos sociais e, Milton Santos (1987, p.25) já defendia que o Brasil é um país que impossibilita a formação de cidadãos, por ser um país em que os direitos não são aplicados de maneira igualitária, e pelo consumo estar em primeiro lugar, antes de qualquer direito social.

Se de maneira geral os excluídos sócio-territorialmente não chegam a constituir-se como cidadãos, para as minorias a situação parece mais grave. No caso de mães pouco presentes nos espaços públicos (e cada vez menos presente), essa formação cidadã fica ainda mais comprometida. Dentro do grupo observado pela pesquisa, a noção de cidadania esteve mais enfraquecida nas mulheres, que estão mais privadas de direitos, mais intimidadas no uso da cidade, e com mais obrigações dentro de suas casas.

Por mais contemporâneo que possam parecer os debates sobre os diferentes tratamentos entre homens e mulheres, o fato da diferenciação sociocultural permanece nas nossas sociedades, impedindo que as – poucas – conquistas expressas em leis se apliquem na vida de muitas mulheres. A distinção dicotômica entre sexos, que nos acompanha enquanto cidadãos

homogêneos, impõe uma relação de poder, que se traduz basicamente em uma população governada e dominada por poucos, e estes poucos expressam um padrão cultural machista.

Anexo 01: Perguntas usadas para o questionário

1 – Pensando na maternidade (paternidade) como uma linha divisória na vida de uma mulher (homem), qual a principal mudança na vida depois da maternidade (paternidade)?

2 – A rotina da vida mudou dentro e fora de casa?

3 – Ao pensar em seus percursos cotidianos, acha que existe diferença de antes de ser mãe (pai) e depois? Do pai (mãe) também se alterou?

4 – Em grandes cidades as pessoas tendem a morar em pequenos espaços, as crianças passam a ficar mais tempo dentro de apartamentos, você acha que espaços coletivos de qualidade e redes de apoio poderiam ajudar mães a manter vida social após a chegada dos filhos?

5 – Qual seu trajeto diário?

6 – É possível reconhecer na cidade espaços tipicamente (e socialmente) destinado aos homens?

7 - E às mulheres?

8 – A utilização da cidade segue determinadas funções, entre elas podemos destacar: morar, trabalhar e recrear. Você consegue definir os lugares onde cada uma dessas funções acontecem na sua rotina?

9 – Pensando no lazer com as crianças, quais espaços mais utilizados?

10 – Na construção da cidadania, o espaço conflituoso e diverso contribui para a percepção da cidade real. Você considera que os espaços que você vive com seus filhos contribui para a formação da cidadania das crianças?

11 – Se você pudesse descrever o espaço ideal para ir com as crianças, onde pais e mães também aproveitassem, como seria?

12 – Observando os espaços públicos e privados de sua vida, você acredita que é possível perceber o machismo pelo uso ou não uso dos lugares da cidade?

Referências

ARANTES, O., VAINER, C., MARICATO, E., A cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. 6ª Edição. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.

ATAL, J. NOPO, H. WINDER, N. New Century, Old Disparities – Gender and Ethnic Wage Gaps in Latin America. Inter-American Development Bank, 2009.

BOURDIEU, P., A Dominação Masculina: Condição Feminina e Violência Simbólica, 5ª Ed. - Rio de Janeiro, 2017.

CALDEIRA, T., Cidade de Muros, Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo, Ed. 34. EdUSP, 2003.

ENGELS, F., A origem da família, da propriedade privada e do Estado, 2ª ed. - Rio de Janeiro, BestBolso, 2016.

HARVEY, D., A Condição Pós-Moderna, São Paulo, 2004.

JACOBS, J., Morte e Vida de Grandes Cidades. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

SANTOS, M., O Espaço do Cidadão, 7ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VELHO, G., A Utopia Urbana, um estudo de antropologia social, 6ª Edição, Jorge Zahar Ed.. Rio de Janeiro, 2002.

VELHO, O.(org.), O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, 1967.

VAINER, C. Palestra do Prof. Titular Carlos Vainer no Seminário Nacional Prevenção e Mediação de Conflitos Fundiários Urbanos. Promovido pelo Programa Nacional de Capacitação das Cidades / Conselho Nacional das Cidades / Ministério das Cidades. Organizado pelo GT Conflitos Fundiários Urbanos. Salvador, 6 a 8 de agosto de 2007. Expositor na mesa "Visão do Movimento Social, da Universidade e do Governo Federal sobre a Prevenção e Mediação dos Conflitos Fundiários Urbanos.

Direito à cidade: Uma Visão por Gênero, IBDU, 2017.

Direito à cidade: Uma Outra Visão por Gênero, IBDU, 2017.

LIGUE 180 registra mais de 555 mil atendimentos este ano. Portal Brasil, 09 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/08/ligue-180-registra-mais-de-555-mil-atendimentos-este-ano>>. Acesso em 12-09-2017, 21:25.

OS NÚMEROS da violência contra mulheres no Brasil. Revista Exame, São Paulo, 08 mar. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 15-03-2018.